



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A “RELAÇÃO DA MISSÃO DA SERRA DE IBIAPABA”: O USO DA
ECFRASE NAS CARTAS DE PE. ANTÔNIO VIEIRA**

Ludmila Gomides Freitas*

Durante os séculos XVI e XVII as cartas tiveram um papel fundamental para a unidade institucional e doutrinária da Companhia de Jesus, sendo, sem exageros, a “espinha dorsal da ordem”. Forma exclusiva de comunicação e registro, as cartas eram essenciais à organização e controle do corpo hierárquico, pois mantinham a conformidade da prática missionária às normas da instituição. Esta correspondência circulava em dois sentidos, da hierarquia na Europa às províncias em todo o mundo, e dessas províncias para as autoridades eclesiásticas europeias. Além disso, as cartas promoviam a união dos irmãos em uma só vontade, alcançada por seus efeitos consoladores e edificantes.

Os modelos retóricos e os padrões teológico-políticos que informavam a interpretação de mundo no século XVII compunham parte essencial da escritura destes discursos. Por esta razão, as cartas jesuíticas escritas no espaço americano devem ser interpretadas à luz destes elementos. E é, portanto, sobre este prisma que eu pretendo, nesta comunicação, analisar o discurso Pe. Antônio Vieira.

* Graduação e mestrado em História pela Unicamp. Doutora em História pela UFU. Atualmente faz pós-doutoramento em Filosofia pela UFU. E-mail: ludmilagomide@hotmail.com

Sobre as cartas jesuíticas escritas no espaço americano, Alcir Pécora defende que elas sejam interpretadas à luz dos elementos retórico-poéticos que compõem o gênero epistolar nos séculos XVI e XVII. Assim,

(...) as cartas não testemunham, nem significam nada que a sua própria tradição e dinâmica formal não possa acomodar. Bem ao contrário, os seus conteúdos mais complexos, como o *índio* ou o *jesuíta*, ou ainda melhor o *índio do jesuíta* são funções estritas dessa acomodação histórica do gênero.¹

Na mais recente edição das cartas do Brasil de PE. Antônio Vieira, João Hansen tece comentários que vão na mesma direção:

As cartas de Vieira não são informais e não se podem ler como depósitos neutros de informações positivas sobre os acontecimentos do século XVII. Seu eventual leitor as lerá mal ou parcialmente, se não observar que sua forma é modelada por categorias retórico-poéticas de preceptiva epistolar e teológico-políticas da doutrina católica da monarquia absoluta.²

Se muitas das cartas de Vieira foram facilmente identificadas como pertencentes ao gênero epistolar, há, no entanto, outros escritos que foram posteriormente nomeados como “parecer”, “informação” ou “relação”, sem que tais classificações se configurem precisamente como gêneros discursivos. A partir da análise da “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba”³ pretendo demonstrar que este escrito, embora fosse uma epístola, aproximavam-se, também, do gênero histórico uma vez que sua *inventio* é fundada na experiência e no testemunho ocular.

De maneira geral, os escritos jesuíticos sobre a América colocaram a experiência e a autópsia como o lugar privilegiado da enunciação, cujo efeito era autorizar a verossimilhança do discurso. As viagens, a observação das novidades da “quarta parte” do *orbe*, enfim, “ (...) as notícias inventariadas no compasso do trabalho missionário põem em *evidência* um repertório efrásico do qual depende a *invenção* jesuítica do Novo

¹ PÉCORA, Alcir. “A arte das cartas jesuíticas do Brasil”. In *Máquina de Gêneros: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefoucauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage*. São Paulo: Edusp, 2001, p.18.

² HANSEN, João Adolfo. Texto de apresentação de *Cartas do Brasil. Antônio Vieira*, São Paulo: Hedra, 2003, p.14.

³ VIEIRA, Pe. Antônio. “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba”. In *Pe. Antônio Vieira. Obras Escolhidas*, prefácio e notas de Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, Vol. V, Obras Várias III. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1951

Mundo”.⁴ Enfim, eram os recursos técnicos fornecidos pela linguagem, os instrumentos capazes de realizar a representação verbal da experiência, traduzida por descrições detalhadas de pessoas, lugares, acontecimento ou objetos.

O documento “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba” é uma carta composta a partir dos princípios definidos da carta jesuítica.⁵ Cumprida sua função básica de informar sobre o estado das missões, evidenciar que a Companhia era um corpo místico de “todos em um”, além de promover a experiência devocional Trata-se de uma carta do “gênero negocial”, endereçada ao o Padre Provincial do Brasil e, por extensão, aos outros irmãos da ordem, uma vez que muitas cartas eram lidas coletivamente. Não pretendo aqui fazer uma discussão exaustiva dos princípios de composição dos gêneros discursivos, contudo, creio que alguns apontamentos nesta direção são fundamentais para o entendimento global do documento. Opto por não seguir linearmente a narrativa; ao invés disso, selecionarei algumas passagens em que identifique conteúdos descritivos – as ecfrases – cujo efeito era promover os afetos de consolação e união. Ao valer-se basicamente deste dispositivo retórico, creio ser possível, também, aproximar a “Relação” de Vieira ao gênero histórico.

Sendo um dos gêneros discursivos das Belas Letras do século XVII, a História tem suas raízes na Antiguidade Clássica. Com Heródoto e Tucídides é inaugurada a concepção de que a autópsia e o testemunho ocular eram prevalentes em relação ao testemunho oral para garantir a veracidade dos fatos narrados. Porém é com os autores latinos que a concepção retórica da história atinge sua mais acabada formulação. Na comparação com os autores gregos, há um deslocamento parcial de ênfase, da produção da presença via autópsia ou escrutínio cuidadoso de relatos orais para a construção de lições gerais e moralizantes. A história é alçada à exemplo de virtudes a serem seguidas, uma vez que a narrativa dos acontecimentos passados é entendida como sendo de utilidade pública.

⁴ LUZ, Guilherme Amaral. “Os passos da propagação da fé: o lugar da experiência em escritos jesuíticos sobre a América quinhentista”. In *Topoi - Revista de História da UFRJ*, Rio de Janeiro, março de 2003, p.106.

⁵ Segundo João Hansen: “A carta jesuítica imita o modelo ciceroniano da carta e paulino de epístola, mesclando informações sobre a ação catequética dos padres com referências doxológicas ou teórico-doutrinárias da ‘política católica’ ibérica.” HANSEN João Adolfo. “Correspondência de Antônio Vieira (1646-1694): o Decoro”. In *Discurso*. Revista do Departamento de Filosofia, FFLCH – USP. São Paulo, nº 31, 2000, p. 260.

Enfim, era a estes pressupostos definidos na Antiguidade greco-romana que o modelo de história seiscentista se reportava. As explicações de Eduardo Sinkevisque são bastante elucidativas neste sentido:

A testemunha ocular é uma das posições da *persona* historiador. Ela pode ser fabricada pelo testemunho de outros, por meio da recolha da oralidade ou da leitura das autoridades do gênero que, entretanto, não deixa de se fazer com a credibilidade da visão. Nesse sentido, ao autorizar o discurso tomando-o por verdadeiro pela voz de outrem não se está abandonando, nem o critério da testemunha, nem o da visão: eles se repõem em variação de elocução. Nesse sentido, não existe o historiador fora do discurso historiográfico seiscentista.⁶

Esta breve exposição do conceito de história vigente no século XVII nos fornece ferramentas esclarecedoras para a interpretação do documento “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba”, que passo agora a analisar a partir de dois eixos: 1) a descrição do caráter e das ações dos missionários envolvidos na empreitada evangelizadora, bem como seus destinos como mártires. 2) A descrição das dificuldades enfrentadas durante a missão.

Vieira constrói a narrativa rememorando os eventos anteriores à sua chegada ao Maranhão e Grão-Prá (1653) e, para isso, elege como fio condutor as ações dos missionários Pe. Francisco Pinto e Pe. Luís Figueira. A autoridade do relato é conferida pela abonada credibilidade de que gozam estes personagens, cujo retrato Vieira irá traçar evidenciando suas qualidades pias.

As descrições (*ekphrasis*) do caráter (*etopéia*) e da ação (*hipotipose*) são minuciosas e o uso abundante de adjetivações compõe um retrato laudatório da vida dos jesuítas, que, por sua vez, contrasta com as descrições depreciativas dos índios feitas em seguida. É, pois, pelo jogo de opostos que a vividez é produzida, cujo ápice é a dramática cena de martírio do Pe. Francisco Pinto:

(...) estando Pe. Francisco Pinto ao pé do altar para dizer missa, sem lhe poderem valer os poucos índios cristão que o assistiam, com flechas e partazanas, que usavam de paus mui agudos e pesados, lhe deram três feridas mortais pelos peitos e pela cabeça, e no mesmo altar onde estava para oferecer a Deus o sacrifício do corpo e sangue de seu Filho, ofereceu e consagrou o de seu próprio corpo e sangue, começando aquela ação sacerdote, e consumando-a sacrifício.⁷

⁶ SINKEVISQUE, Eduardo. “Usos da efrase no gênero histórico seiscentista”, In *História da Historiografia*, Ouro Preto (MG), nº12, agosto 2013, p.47.

⁷ VIEIRA, Pe. Antônio. “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba”, p.75.

Ao narrar com clareza e pormenores, Vieira gera a impressão de que o fato está acontecendo diante dos olhos do leitor, produzindo, assim, um efeito de verdade. Não menos imagética é a descrição da morte do Pe. Luis Figueira e de seus companheiros nas mãos dos índios *jaraus*. O barbarismo dos índios é exposto em vivas cores pela apresentação meticulosa do ritual antropofágico:

No Pará falei com um soldado que se achou na ilha destes bárbaros poucos dias depois da morte dos padres, e, sobre me confirmar *o que escrevi da pintura em que os têm retratados*, acrescenta que viu o lugar onde foram mortos, e que era um terreiro grande, com pau fincado no meio, o qual ainda conserva os sinais do sangue. A este pau os atavam um por um em diferentes dias, e logo se ajuntavam ao redor deles com grande festa e algazarra, todos com seus paus de matar nas mãos. Chamam paus de matar a uns paus largos na ponta, e mui fortes e bem lavrados, que lhes servem de como maçãs na guerra; armados desta maneira, andam saltando e cantando à roda do que há de morrer e, em chegando a hora em que já não pode esperar mais a sua fereza, descarregam todos à porfia os paus de matar, e com eles lhes quebram as cabeças..⁸

Aqui está presente a estratégia discursiva que funda a veracidade da narrativa no olhar testemunhal e, no caso, Vieira é a própria testemunha: “*Eu vi de longe a ilha, e confio em Nosso Senhor que cedo se há de colher o fruto, que de terra regada com tanto sangue e tão santo se pode esperar.*” Neste relato, Vieira não apenas diz, mas mostra, seguindo de perto os preceitos de Quintiliano. Além disso, as evidências pictóricas geram efeitos ético-patéticos de consolação e devoção.

Os episódios reiterados de martírios expressam a disposição dos jesuítas em aceitar a morte como um ato de devoção a Deus: o sangue derramado em glória presentifica a imolação do redentor numa clara interpretação figural da história. Aqui, morte e vida pastoral, sacrifício e humildade, são os elementos que constituem o *ethos* dos missionários como servos de Deus e que espelham, por sua vez, as características definidoras e edificantes da ordem inaciana. Enfim, o retrato dos padres é, em essência, uma analogia à Companhia de Jesus.

O segundo eixo de análise que me proponho a fazer diz respeito à descrição das dificuldades geográficas enfrentadas por Vieira e seus irmãos para chegarem à serra de

⁸ VIEIRA, Pe. Antônio. “Carta ao Padre Provincial do Brasil, de 22 de março de 1654”. In *Cartas do Brasil*. João Adolfo Hansen (org). São Paulo: Hedra, 2003, p. 173-174. (grifo nosso)

Ibiapaba. Os detalhes sobre os ventos, as correntezas, as calmarias e asperezas do clima são bastante precisos, o que compõe uma descrição imagética do lugar. A falta de víveres e as provações diárias são retratadas como uma constante no dia-a-dia da missão. Em uma passagem, Vieira comenta: “Quando aqui chegamos, havia quatro meses que os padres não comiam mais que folhas de mostarda cozida com água e sal (...)” “Deste tempo é que ficaram ao padre as notícias de serem tanto saborosas as lagartixas (...). Tal é a miséria ou o castigo do sítio em que vive esta pobre gente, e por cuja conservação fazem tantos extremos.”⁹

A narrativa dos tormentos enfrentados tinha o objetivo de gerar a consolação. Vieira passa, então, a descrever as características físicas do lugar, como quem compõe, por palavras, uma pintura.¹⁰ Porém, o juízo moral nunca está ausente, uma vez que a natureza alegoriza os naturais da terra:

São todas formadas de um só rochedo duríssimo, e em partes escavado e medonho, em outras coberto de verdura e terra lavradia, como se a Natureza retratasse nestes negros penhascos a condição de seus habitantes, que, sendo sempre duros e como de pedras, às vezes dão esperanças e se deixam cultivar.¹¹

Pelos elementos expostos até aqui, podemos dizer que a “Relação da Missão da Serra do Ibiapaba” cumpre sua função primordial de informar sobre as novidades da empresa jesuítica, edifica o trabalho dos padres e, por extensão, de toda Companhia, além de promover no destinatário – a coletividade dos irmãos – a experiência devocional e consoladora. Para isso, Vieira compõe seu discurso valendo-se dos elementos discursivos do gênero histórico, pois funda sua invenção na experiência e na autoridade do testemunho ocular. O discurso histórico era pensado como um instrumento retórico de edificação das ações da Companhia de Jesus, o que, conseqüentemente, levava também ao seu fortalecimento institucional.

Para lograr o efeito de aprendizado era necessário que o *ethos* do orador/historiador fosse condizente com as virtudes e exemplos narrados. A fíducia do

⁹ Idem, p.108.

¹⁰ Segundo Guilherme Luz: “A incorporação de informações cosmográficas na *narratio* das cartas tornou-se um instrumento de promoção dos objetivos da escrita epistolar jesuítica, gerando disposição favorável nos homens de corte em relação às missões espalhadas pelo mundo e à edificação de seus espíritos.” Idem, p. 107.

¹¹ VIEIRA, Antônio. “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba”, Op.Cit., p.96.

relato era garantida não apenas pelo recurso do testemunho ocular prudente, mas, sobretudo, pela “(...) construção retórica de um caráter (*ethos*) irretocável, fundamental para que haja a produção de uma representação que coloca diante dos olhos”.¹² “Por diante dos olhos” significava produzir retoricamente um efeito – a vivacidade – responsável por tornar crível aquilo que se narra. A vividez constitui-se, assim, em credibilidade e prova do discurso, pois capaz de produzir o efeito de verdade.¹³ Finalmente, o efeito da carta era edificar o esforço apostólico da Companhia de Jesus, pois na ação destes irmãos, estava representada a unidade da ordem – “todos em um”. A promoção de afetos como a consolação e o conforto espiritual eram capazes de afastar o abatimento do ânimo missionário, ao mesmo tempo em que reforçava o desejo dispor a vida a serviço de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GINZBURG, *Os Fios e os Rastros – verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia. das Letras, 2007.

HANSEN, João Adolfo. Texto de apresentação de *Cartas do Brasil. Antônio Vieira*. São Paulo: Hedra, 2003.

_____. “Correspondência de Antônio Vieira (1646-1694): o Decoro”. *In Discurso*. Revista do Departamento de Filosofia, FFLCH – USP. São Paulo, nº 31, 2000.

LUZ, Guilherme Amaral. “Os passos da propagação da fé: o lugar da experiência em escritos jesuíticos sobre a América quinhentista”. *In Topoi - Revista de História da UFRJ*, Rio de Janeiro, março de 2003.

¹² HANSEN, “Correspondência de Antônio Vieira (1646-1694): o Decoro”. Op.Cit., p.560.

¹³ Como expõe Ginzburg, a tradição retórica latina buscou encontrar termos que equivalassem à *enargeia*: “Quintiliano (*Institutio Oratoria*, IV,2,63) propõe *evidentia in narratione*: ‘na narração a evidência é, na verdade, uma grande virtude, quando algo de verdadeiro não só deve ser dito, mas de alguma maneira também mostrado’. Em outro trecho (VI, 2, 32), Quintiliano notou que Cícero tinha usado *illustratio et evidentia* como sinônimo de *enargeia*, ‘que parece não tanto dizer quanto mostrar; e os afetos a ela acompanharão não de modo diverso do que se estivéssemos em meio às próprias coisas’. Na verdade, para Cícero ‘*illustris ... oratio*’ indicava a ‘parte do discurso que compõe a coisa como que diante dos olhos’. O anônimo autor de *Rethorica ad Herennium* usou palavras semelhantes para definir a *demonstratio*: ‘a demonstração se dá quando exprimimos uma coisa com palavras tais que as ações pareçam estar sendo executadas e a coisa, estar diante dos olhos (...). Expõe, com efeito, a coisa na sua íntegra e coloca-a como que diante dos olhos.” GINZBURG, *Os Fios e os Rastros Rastros – verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia. das Letras, 2007, p.20.

PÉCORA, Alcir. “A arte das cartas jesuíticas do Brasil”. *In Máquina de Gêneros: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefoucauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage*. São Paulo: Edusp, 2001.

SINKEVISQUE, Eduardo. “Usos da ecfrase no gênero histórico seiscentista”, *In História da Historiografia*, Ouro Preto (MG), nº12, agosto 2013.

VIEIRA, Pe. Antônio. “Relação da Missão da Serra de Ibiapaba”. *In Pe. Antônio Vieira. Obras Escolhidas*, prefácio e notas de Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, Vol. V, Obras Várias III. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1951.

“Carta ao Padre Provincial do Brasil, de 22 de março de 1654”. *In Cartas do Brasil*. João Adolfo Hansen (org). São Paulo: Hedra, 2003.

